



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10738 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

A METODOLOGIA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO ENTRE MEMÓRIA, NARRATIVA E FORMAÇÃO

Daniela da Silva - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rosa Maria Bueno Fischer - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

A METODOLOGIA COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO ENTRE MEMÓRIA, NARRATIVA E FORMAÇÃO

As palavras memória, narrativa e formação nos acompanham neste trabalho que busca descrever os caminhos metodológicos de uma pesquisa de doutorado em andamento, que investiga os processos de criação de quatro artistas, quais sejam, Conceição Evaristo, Emicida, Cecilia Vicuña e Grada Kilomba, como possibilidade para pensar narrativas de formação, ancoradas em memórias deixadas por eles, em formato de vídeo, texto, som e imagem. Trata-se, assim, de uma metodologia que também é criação, e para explicitá-la, não há outro modo senão o de abrir o processo.

Creemos, nesse sentido, que tanto na escrita acadêmica quanto em qualquer processo de criação artística, estamos diante das coisas *se-fazendo*, expostos a um terreno de possibilidades para o que ainda não se sabe. Repousamos no lugar do desconhecimento, onde se “[...] expõe um pensamento que sempre poderá ser ultrapassado por ele mesmo, o homem, o que lhe permite ao mesmo tempo vir a si, a partir daquilo que lhe escapa” (FOUCAULT, 1968, p. 420). Os sentidos desta percepção reverberam em nosso fazer científico, na medida em que buscamos uma elaboração teórica, que também se articula a histórias de vida e a propostas de caminho a seguir.

Afinal, como pesquisar a memória de artistas, sem perder de vista nossas questões educacionais? Por essas arestas, as respostas, ainda que experimentais e de exploração, recorrem à inseparabilidade entre vida, arte e educação. Portanto, uma noção importante para nós é sem dúvida o romance de formação, do qual nos apropriamos em partes, como possibilidade para pensar *narrativas de formação*. O *Bildungsroman*, como é chamado este conceito de origem alemã (*Bildung* – formação e *roman* – romance), é considerado o

paradigma do romance centrado em contar a história de um personagem no decurso de seu processo de formação, em um cenário cultural, político e social específico (PINTO, 1990). Em um primeiro momento, tal conceito evidenciou-se na Alemanha como subordinado à literatura, e ao longo do tempo espalhou-se por outros países e diferentes campos de saber.

Importante ressaltar que a história de emancipação do/da protagonista, que caracteriza o gênero, assume elementos próprios de acordo com o país ou lugar de criação. A exemplo das obras de autoria de mulheres ou com personagens femininas, observa-se que, mesmo compondo uma trajetória de aprendizado, tal como ocorre com os personagens Wilhelm Meister (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, [1796] 2006), de Wolfgang Von Goethe, e Stephen Dedalus (*Retrato do artista quando jovem*, [1916] 2001), de James Joyce, os romances refletem a incompatibilidade da mulher que passa por um processo de conhecimento e transformação de si, com o mundo à sua volta. Dito de outro modo, "[...] enquanto o herói do *Bildungsroman* passa por um processo de durante o qual se educa, descobre uma vocação e uma filosofia de vida e as realiza, a protagonista feminina se tentasse o mesmo caminho tornava-se uma ameaça ao *status quo*, colocando-se em uma posição marginal" (PINTO, 1990, p. 13).

Desse modo, os primeiros *Bildungsromans* com protagonistas mulheres e de autoria feminina, além de serem raros, quando apresentavam um desenvolvimento pessoal, intelectual e psicológico levavam a personagem a um final profundamente negativo. No entanto, Cristine Ferreira Pinto, ao olhar para o Brasil, lembra autoras como Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles que, além de imprimirem em sua literatura histórias de formação pessoal femininas, na maioria das vezes apresentam um modelo de subversão do *Bildungsroman* masculino, a exemplo das personagens Virginia (*Ciranda de Pedra*, 1954) e Joana (*Perto do Coração Selvagem*, 1943), respectivamente. Nesses dois romances, "[...] as protagonistas abrem mão da integração no seu grupo social para alcançar a integração do EU" (PINTO, 1990, p. 30). Compreende-se, assim, que a mudança incorporada nos desfechos de Virginia e Joana, com possibilidade de entrever um futuro de realizações, assinalam as transformações sociais pelas quais passava o mundo e a sociedade brasileira. Recorrer a esta discussão é uma tentativa de expor nossa inspiração metodológica, que se aproxima de uma discussão sobre jornadas formativas de si, a propósito das histórias de Virginia, Clarice, Lygia e Joana.

Outro autor que nos ajuda com reflexões teóricas acerca do *Bildungsroman* é Mikhail Bakhtin que, na obra *Estética da criação verbal*, adota o nome "romance de educação" e o separa em cinco subtipos; o primeiro é o romance idílico, no qual a idade revela-se substancial para uma mudança interior e de caráter; logo, a história do personagem se dá no percurso da infância à juventude, da maturidade à velhice (BAKHTIN, 2003, p. 220). Outro tipo de formação idílico-cíclica também relaciona-se, em certa medida, com a idade, mas por meio de uma trajetória de formação relacionada à personalidade: de jovem sonhador idealista para o amadurecimento, através da figura de um ser prático e sóbrio: "[...] Esse tipo de romance de formação é caracterizado pela representação do mundo e da vida como *experiência*, como *escola*, pela qual todo e qualquer indivíduo deve passar e levar dela o mesmo resultado – a sobriedade com esse ou qualquer grau de resignação" (*Idem*). O terceiro tipo apresentado pelo autor é o biográfico e autobiográfico, e seu caráter temporal se dá pelo

conjunto de eventos individuais e singulares, resultante de mudanças nas condições de vida e de trabalho: "Cria-se o destino do homem, cria-se com ele o próprio homem, o seu caráter. A formação da vida-destino se funde com a formação do próprio homem" (BAKHTIN, 2003, p. 221). A quarta categoria é o romance didático-pedagógico, o qual "[...] se baseia em uma determinada ideia pedagógica, concebida com maior ou menor amplitude. Aqui se representa o processo pedagógico da educação no próprio sentido do termo" (*Idem*). O quinto tipo apresentado por Bakhtin é o romance realista, considerado por ele o mais importante, pois a formação do homem está ligada à formação histórica; ou seja, em paralelo ao desenvolvimento da sua vida e do futuro, acontece uma transformação do todo, do mundo, da sociedade ao redor, podendo até representar a ruptura de uma época, em termos culturais, políticos e sociais. Vale ressaltar que, para Bakhtin, a definição de cada um desses gêneros não é realizada com o intuito de separá-los ou distanciá-los, tampouco é possível vê-los fora de seus vínculos entre si.

Por certo, na pesquisa de que tratamos aqui, não se trata de apoderar-se, propriamente, do conceito literário de *Bildungsroman*, mas sim tomá-lo como inspiração para ouvir as memórias dos artistas, como possibilidade de estarmos diante de *narrativas de formação*, que na raridade de seus enunciados também entrelaçam, confundem e desenvolvem histórias de vida, quiçá trajetórias de transformação de si. Assim como os personagens desses romances, os artistas que compõem o estudo foram escolhidos por evidenciar um aprimoramento ético e estético, entendendo aqui a educação em seu sentido amplo, como uma vivência e experiência. Dizemos, com Nietzsche, que a formação relaciona-se à trajetória de uma pessoa em busca de "tornar-se o que se é" (NIETZSCHE 2012; DIAS, 2011), a exemplo de Zaratustra, o protagonista do livro *Assim falou Zaratustra* (2011), que decide peregrinar além da montanha e passa por incontáveis situações, as quais exigem sua tomada de decisão diante da vida.

Trata-se também de pensar a trajetória da formação como uma viagem aos mistérios do mundo, que se confunde com o romance literário pelo logos poético, de onde advém a definição de *Bildung* e pelo logos científico e analítico, por seu enlace com a Pedagogia (LARROSA, 2002). Na trama de uma aventura em direção à experiência, é possível, desse modo, uma aproximação do conceito, tal como aparece na constituição do *Bildungsroman*, e a apresentada por Nietzsche, quando o autor reflete os modos como o sujeito se torna o que se é. De um lado, como modo de perder-se e desprender-se de si, de outro, como experimentação das artes; "E, no meio, um sujeito que já não se concebe como uma substância dada, mas como forma a compor, como uma permanente transformação de si, como o que está sempre por vir" (LARROSA, 2002, p. 67).

A partir do que foi possível observar até aqui, cremos que, ali onde residem as memórias dos processos criativos, como arquiteturas projetadas entre a arte, a vida e a educação, se encontra um terreno de possibilidades para pensar os modos como o sujeito "chega a ser o que é". Dessa maneira, a memória e a narrativa são os artífices escolhidos para alumiar as entrevistas e escritas autobiográficas dos artistas que compõem a pesquisa. Circulamos especialmente em duas dimensões das narrativas dos criadores escolhidos; de um lado, atentos às suas lembranças, como uma *história dos começos*, para refletir: Como se fizeram

artistas? Quando se deu o primeiro encontro com a arte? Quais os rituais que circunscrevem sua criação? Há uma inseparabilidade entre sua arte e sua vida? Do outro, a pensar suas vidas de criação, inseparáveis de um compromisso ético e estético com questões urgentes do nosso tempo; por exemplo, a luta pela preservação da natureza, por uma sociedade antirracista e pela valorização da arte, dos afetos e do outro. Cabe lembrar que não serão realizadas entrevistas com os artistas, mas sim uma composição mista de narrativas e memórias – vindas da transcrição e reunião de entrevistas audiovisuais e sonoras, de documentos e de obras já em circulação.

"Não nasci rodeada de livros, mas de palavras", nos diz Conceição Evaristo, de que nos valemos como prólogo desta viagem, para a qual embarcamos em direção às narrativas, na companhia de uma escritora que possui a memória como lugar de criação. "Escrevo em homenagem póstuma à avó Rita que dormia embolada com ela. E, a ela que nunca consegui ver plenamente. Aos bêbados, as putas, aos malandros, às crianças vadias, que habitam os becos de minha memória [...]" (EVARISTO, 2017a), como escreve a professora, no prefácio do seu livro *Becos da Memória*. Pensando na experiência de Conceição, quando olhamos para seu processo de criação literária, nos vemos diante de um movimento talhado nas experiências de uma coletividade negra, da ancestralidade incorporada pelas figuras da sua família, que vencem a morte para encantar em personagens, como Ponciá Vicêncio, Bica, Maria-Velha, entre outras e outros, mas também pelo desejo de narrar um Brasil. É possível dizer que estamos diante da escrita como um "[...] vasto painel de lembranças calcadas na 'experiência da pobreza', vividas por quem soube observar, com olhos atentos e condoídos, os becos de uma coletividade favelada e os seus habitantes" (FONSECA, 2010, p. 24).

No ano de 2017, o Itaú Cultural desenvolveu uma minissérie para o Youtube, centrada na obra e na vida de Conceição Evaristo; em um dos episódios, a professora caminha por estabelecimentos, ruas e construções, localizadas na região central de Belo Horizonte, Minas Gerais, que outrora foram cenários da sua infância e adolescência – em um período no qual o lugar ainda se chamava Favela do Pindura Saia. Nessas cenas, vemos a memória de Conceição vacilar: em determinados momentos ela se diz traída, porque ali não é o lugar onde viveu, apesar de levar o mesmo endereço. Os becos se tornaram longas vias e os barrancos receberam estradas de asfalto. Tal como no romance *Becos da Memória*, nessa entrevista estamos diante de uma moradora carregada de certo saudosismo, resignada diante de um espaço que se transformou após o desfavelamento.

Por este caminho, com os olhos atentos, buscamos tratar as narrativas como memórias capazes de recuperar cenas de vidas que preservam a experiência em seus modos de ser pela arte e de estar no mundo. Segundo Nadja Hermann, inspirada em Gadamer, "A experiência é, também, um conceito articulado com a racionalidade prática e decisivo para a compreensão da formação, porque inclui a dimensão prática pela qual o homem, ao agir, ao escolher, ao enfrentar as inúmeras tarefas da existência, forma-se a si mesmo" (HERMANN, 2013, p. 96). Memórias inscritas no signo da palavra viva que circula em sua dimensão de repertório e também no manuseio e produção de documentos enquanto arquivos (TAYLOR, 2013).

Trata-se de uma artesanania e zelo com as narrativas, tal como faz a personagem Ponciá Vicêncio (EVARISTO, 2017b) com o barro, sua matéria de criação. A personagem que dá

título ao livro de Conceição Evaristo nos inspira a inventar um objeto de pesquisa, em que pensar o manuseio da arte irrompe em pensar o manuseio da vida. Quando se põe a refletir acerca da construção desse romance, a escritora nos diz que o cuidado de Ponciá com o barro, "[...] é como o que a escritora tem com a feitura do texto [...] O barro pra Ponciá é a arte" (EVARISTO, 2007, p. 102). Nestas mãos que não cessam de reinventar sempre e sempre, é Benjamin que aproxima a figura do narrador do fazer artesão, "como a marca do oleiro na argila do vaso" (BENJAMIN, 2010, p. 205). Para o autor, "[...] a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, em certo sentido, uma forma artesanal de comunicação" (*Idem*). Talvez, o papel da pesquisa também consista na arte de contar histórias. Naquele lugar das latências, onde reside a necessidade de contá-las de *novo*, para preservá-las. E, quanto mais nosso processo de reunião e transcrição de vozes avança, mais profundamente se grava na escrita o que é ouvido. Benjamin nos fala desse lugar ocupado pelo ouvinte: "Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las" (*Idem*).

Por assim dizer, enquanto narramos o ofício de uma escritora brasileira, vemos emergir a memória ancestral e pessoal como vestígio para as histórias dos não-lembrados, para as ficções elaboradas pela memória; enquanto ouvimos os timbres de um músico nascido no Jardim Cachoeira, testemunhamos a atualização de um Brasil que se dá na produção do *rap*; enquanto buscamos apanhar o repertório de uma artista visual que germina na planície árida do deserto do Atacama, evocamos um olhar atento para natureza e para o pensamento dos povos originários; enquanto visitamos a interdisciplinaridade intelectual e poética de uma artista filósofa, afirmamos as infinitas possibilidades de desobedecer com a arte.

Assim, até este momento, percebemos que o caminho da pesquisa pode ser a trilha de uma viagem poética e intelectual, capaz de talhar, no vasto painel de narrativas guiadas pela experiência com a arte, histórias de formação em seu sentido amplo. Os processos de criação de Conceição Evaristo, Emerica, Cecilia Vicuña e Grada Kilomba são como memórias narradas e inscritas no campo de uma educação que se dá na inseparabilidade entre arte e vida.

"Contar é ser sempre furtivo. Contar é estar sempre foragido" (SKLIAR, 2014, p. 160), nos diz o escritor Carlos Skliar. Assim, clandestino, o narrador resiste ao desejo de preencher os espaços furtivos da memória, de apreender as histórias em sua linearidade fundamental, para envolvê-las em infinitas interpolações daquilo que foi (GAGNEBIN, 2013, p. 77). Sobretudo, escapa-se de si para mergulhar na existência de outras vidas. Mas no que consiste rememorar o passado e nesse exercício criar narrativas para o presente? Por certo, residimos no espaço de um *saber da experiência* (BENJAMIN, 2010), sustentadas pelo gesto da escuta. Escutar, como nos propõe Skliar, "[...] a partir do anúncio de um abismo: aquilo em que acreditávamos antes não eram mais que muletas que caem ao caminhar-se. Escutar como fragilidade: o sentir vem primeiro. Escutar como tremor da língua: deveríamos nos calar se quiséssemos que alguma coisa acontecesse" (SKLIAR, 2015, p. 141).

Observamos que, aos poucos, as narrativas encontradas formam um material empírico forjado na escuta. Somos tocados por um sopro de ar já respirado, como se as narrativas estivessem na terra à nossa espera (BENJAMIN, 2010). Cúmplices de Clarice Lispector,

olhamos a matéria-prima como realidade e encontramos na linguagem um modo de buscá-la, sem a promessa de uma total transparência, pois "é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia" (LISPECTOR, 1999, p. 176). Desse modo, como é a qualidade das coisas em andamento, das clareiras abertas em favor da experiência, até o momento esta pesquisa nos leva a reconhecer que entre a narração e a memória existe um espaço onde emerge a profundidade da invenção. Uma vez que, na artesanaria de compor com narrativas mistas (encontradas em vídeos, livros, documentos e entrevistas), um tempo se junta ao outro, os espaços se incorporam aqui e acolá, imagens e até mesmo sons são trazidos para a escrita. Por vezes manuseamos um fio difuso e desconexo entre passado e presente, no qual interrompemos e recuperamos reminiscências, e com isso nos aproximamos cada vez mais de um modo de fazer pesquisa em educação, atrelado a uma poética de *fazer ficções*.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Formação. Memória. Narrativa. Processo criativo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, Arte e Política**. 12. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Prefácio**. In: EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória – Ocupação Conceição Evaristo [Vídeo]. Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DEVLDHaRtQ>

EVARISTO, Conceição. In: ARRUDA, Aline Alves. Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um *Bilungsroman* feminino e negro. 2007. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. O mar ondulado da memória em Conceição Evaristo. **Via Atlântica**, v. 1, n. 18, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50736>

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. 1a. ed. Lisboa: Portugalia, 1968.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo : Perspectiva, 2013.

GOETHE, Johann Wolfgang Von [1796]. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HERMANN, Nadja. Sobre a experiência formativa e racionalidade prática. In: CENCI, Angelo Vitório; DALBOSCO, Cláudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique. **Sobre filosofia e educação: racionalidade, reconhecimento e experiência formativa**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

JOYCE, James [1916]. **Retrato do artista quando jovem**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1943.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragments Póstumos 1887-1889**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**. Educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e repertório**. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de pedra**. São Paulo: Companhia das letras, 1954.